

“O CORDEL ESTÁ NA RUA!”

Texto escrito a partir da peça *O romance da cabra cachaceira*, montagem do Atelier de Artes Integradas (Itabirito-MG), apresentada na programação do FETO na FUNARTE-MG em 22 de outubro de 2022.

- Por Henrique Vertchenko -

Uma peça de teatro feita para ser representada na rua (ainda que neste caso tenha sido no pátio da FUNARTE-MG) carrega intrinsecamente uma capacidade de comunicação ampliada visando atingir público muito mais diversificado do que aquele acostumado a frequentar as casas de espetáculo. Esse intuito é percebido nitidamente em *O romance da cabra cachaceira*, montagem dos alunos do Atelier de Artes Integradas de Itabirito (MG). O texto de Fernando Limoeiro, que tradicionalmente monta cordéis autorais com estudantes do Teatro Universitário da UFMG há anos, traz desde as suas primeiras falas tal natureza, isto é, “o cordel está na rua!”.

No enredo, Benedita é uma solteirona que vê todas as irmãs se casarem e compra a cabra Quininha, de quem se torna amiga fiel, encontrando a cumplicidade que jamais encontraria em qualquer homem. Atingida um dia pela flecha do amor, ela cede aos encantos de Zé Bigode, um vigarista que passa a maltratá-la ao chegar sempre bêbado em casa. Ao descobrir que o marido tinha uma amante, Benedita queima seus pertences e ele, para se vingar, faz a cabra se viciar na cachaça. A cabra, então, emprenha de um bode e é acusada de ter satanás no corpo. Zé bigode a mata com uma paulada, mas, antes de morrer, nasce um bodinho, que se torna o novo companheiro de Benedita, aquela que “prefere um bode a um homem” e por isso nunca mais ficará sozinha. Por fim, a cabra Quininha é enterrada no terreiro e vira santa no céu das cabras.

A montagem é certa ao apostar na força que há em se contar uma história, mobilizando a rítmica própria de um gênero tipicamente rimado e lançando mão de recursos da comicidade popular. A delimitação de um espaço circular, disposição que favorece o diálogo com a rua, se coaduna aos expedientes do coro e da musicalidade, ingredientes que funcionam como exercício extremamente eficaz para a prática teatral e evidenciam um elenco coeso no jogo cênico proposto. As pílulas musicais de adaptações de canções sertanejas recentes, versando sobre traições e relações amorosas, expandem ainda mais a comunicação com o público, a exemplo de “que cena mais linda, será que estou atrapalhando um casalzinho aí” e “o seu cupido é gari, só lhe traz lixo”.

Ao recorrer às matrizes do “teatro popular”, *O romance da cabra cachaceira* evoca ao menos duas questões fundamentais. A primeira delas gira em torno da possível necessidade de se colocar em cheque, nos dias de hoje, os imperativos dos “tipos” nordestinos costumeiramente relacionados ao gênero e replicados por todo o país quando deseja-se criar a ambientação do “sertão”. Ainda que não haja uma resposta certa para esse tema, talvez seja relevante perceber que esses imperativos foram culturalmente consolidados ao longo de décadas e cristalizaram uma certa imagem de nordeste que passou e passa também pelo teatro.

A segunda questão fundamental diz respeito à constatação da enorme força comunicativa da peça, o que obriga a lançar o olhar para o público presente, composto majoritariamente por crianças que assistiram com grande cumplicidade e interesse. Não há dúvidas que o evento se alinhava aos objetivos mais primordiais do FETO, criando um espaço para formação de público jovem por meio de uma comunicação direta e da comunhão de pessoas de lugares e universos distintos. Talvez, o grande símbolo dessa experiência tenha sido o momento em que, na peça, o bodinho, filho da cabra morta a pauladas, nascia corporificado em uma criança que saía de dentro da plateia, apontando para um público surpreso as possibilidades de renovação e esperança contínuas.